INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO CEARÁ

PE. ALOÍSIO FURTADO, S. J.
(AIRES DE MONTALBO)

Examinando o panorama religioso de nossa terra, desbravada e colonizada por descobridores lusos, como Pêro Coelho e Martim Soares Moreno que, como católicos, serviam à intenção evangelizante do Ultramar — levar a Fé e o Império aos povos recém-conquistados — temos que começar pelos primórdios de nossa civilizacão.

Em 1606, antes de aqui chegarem os primeiros jesuitas para a catequese dos tocarijus, já havia uma ordem régia mandando catequizar os tapuias do Ceará. A princípio as pequenas levas de missionários que até nós chegaram, com intuito catequizador, visavam, em primeiro lugar, o silvícola, desde a Ibiapaba até o Forte de São Sebastião na orla do Atlântico, sem omitir uma ou outra família luso-brasileira aqui existente.

Os primeiros missionários que pisaram terra cearense, como é sabido, foram os Pes. Francisco Pinto e Luís Figueira, jesuítas, na Ibiapaba (1607-1608), culminando esta missão com a morte trágica de Francisco Pinto às mãos dos tocarijus a 8 de janeiro de 1608, por instigação, ao que parece, dos franceses e com a fuga precipitada de Figueira, que afinal foi vítima dos carijós na Ilha de Marajó.

Foi o período precursor não estável, mas transitório, que se concluiu com o sacrifício de seu chefe. Só mais tarde esta obra se estabilizaria com a vinda de novos missionários, dispostos a tudo, contanto que o reino de Cristo se estabelecesse para sempre nestas plagas. A obra de conversão do gentio cearense, quer em missões volantes ou estáveis, e conservação dêste povo na fé cristã é uma ver-

dadeira epopéia em que entram, como protagonistas, jesuítas e franciscanos, carmelitas, oratorianos e padres seculares em grande número.

O fato é que, quando aportaram aqui os holandeses, tanto na primeira como na segunda invasão, encontraram índios já cristianizados, batizados com nomes cristãos, como Francisco Arajiba, Antônio Caraia, João Algodão, Simão Tagaibuna, André Coroati e outros que encontramos em documentos coevos.

Se excetuarmos pequenos intervalos, o Forte da Barra do Ceará sempre teve o seu cura d'almas, vivendo ali com o povo. Já do séquito de Martim Soares Moreno fazia parte o Pe. Baltazar João Correia, o primeiro sacerdote ali sediado. E consta da crônica que a 15 de junho de 1614 chega ao Ceará um navio francês trazendo 12 missionários e a 18 de julho de 1624 são recebidos por Soares Moreno, no Mucuripe, alguns religiosos da Custodia do Brasil.

Foi o Pe. Baltazar João Correia o primeiro sacerdote que estêve no primitivo forte, capelão de Nossa Senhora do Amparo, no ofício da catequese dos índios. Deixou uma carta em latim, deliciosa obra-prima de mata-mouros, segundo Capistrano de Abreu.

Por êsse tempo era vigário de Fortaleza o Pe. Amaro Fernan-Nunes, vindos, em 1615, na expedição de Alexandre de Moura. Idem, Frei Cosme da Anunciação e André da Natividade, religiosos do Carmo, de passagem para São Luís do Maranhão. Em 1621 a Capitania do Ceará foi desligada da sede de Olinda, passando à jurisdição de São Luis do Maranhão, apesar dos protestos do Capitão-mor Soares Moreno.

Em 1624 transita por aqui Frei Cristóvão de Lisboa, com 12 irmãos de hábito, rumo ao Maranhão. Deixou dois sacerdotes no Fortim de São Sebastião, Barra do Ceará. Dois anos depois volta Frei Cristóvão ao Ceará para promover a desobriga dos habitantes do Forte de Moreno. Em 1637, em carta de 2 de agôsto, informa-nos Figueira que a colônia militar cearense não tinha clérigo nem assistência certa.

Na segunda expedição holandesa (1649), comandada por Matias Beck, veio o Ministro Kempins, encarregado do serviço religioso. Era, ao que parece, um proselitista ardoroso, que pretendia, diz Carlos Studart Filho, levar os índios infiéis ao Cristianismo, ou levar os já conversos a abjurarem suas crenças, abraçando as idéias heréticas de Calvino. (Cf. Rev. do Inst. do Ceará, tomo 69, pág. 32, ss.) Kempins foi o único predicante que acompanhou os holandeses nos doze anos não contínuos de ocupação do Ceará.

Com a saída dos holandeses, expulsos do Brasil (1654), restabelece-se o culto católico no Ceará com a capela de Nossa Senhora

da Assunção, que no forte ex-holandês fêz construir o General Álvaro de Azevedo Barreto.

Só então, diz Serafim Leite, é que se fundou, na Ibiapaba, uma missão mais estável com os Pes. Pedro de Pedroso, Antônio Ribeiro e Gonçalo de Veras (1656). Daí por diante não houve mais solução de continuidade na obra catequética do Ceará até a expulsão dos jesuitas do Brasil, em 1759.

Nesse largo período, se excetuarmos um ou outro recuo passageiro, devido às circunstâncias, a Companhia de Jesus desdobrou sua atividade missionária da Ibiapaba a Camucim, de Pacajus a Fortaleza e Monte-Mor-o-Nôvo, de Parangaba a Aquirás e ao Açu, no Rio Grande do Norte. Vários postos missionários se mantiveram às margens do Jaguaribe, como o de Nossa Senhora da Anunciação e o de São Francisco Xavier. Os missionários mais notáveis dessa época de expansão em todos os rumos foram Ascenso Gago, Manüel Pedroso Júnior, João Guedes (Ginzel), Jacó Cócleo, e Manuel Ribeiro, sem esquecer o Pe. Antônio Vieira, que deixou dessa época maravilhosa uma descrição magnífica, página realmente antológica.

Ao lado dessa atividade indefessa dos padres da Companhia de Jesus teríamos que alinhar a de outros religiosos e sacerdotes seculares, como o Pe. Francisco da Fonseca, vigário-geral de tôda a Capitania do Ceará Grande. Vejamos alguns dêsses heróis, que não podem ficar no olvido.

Por indicação e instâncias do próprio Capitão-General Francisco Barreto, vem ao Ceará o Pe. Pedro Morais para assistir no Forte de Moreno. Era capelão militar e vigário de tôda a capitania. Foi substituido por expressa determinação do mesmo mestre-de-campo-geral por Frei Manuel da Cruz, religioso franciscano (1655-1656), homem destemido, que lutou, de espada em punho, no reduto de Cinco Pontas ao lado de André Vidal de Negreiros.

Por êsse tempo estêve de visita ao Forte o Pe. Pedro de Pedroso da Aldeia da Ibiapaba e, para aquietar os ânimos exaltados de duas castas de gentios domésticos em conflito, o Pe. Antônio Ribeiro, jesuíta. Em 1660, na comitiva do Pe. Antônio Vieira, que vinha como visitador da Ibiapaba, missão por êle fundada, vieram quatro padres carmelitas, cujos nomes eram Frei Manuel da Cruz, Frei Antônio da Assunção, Frei Inácio e o Pe. Madalena.

Para cuidar dos índios sediados junto ao fortim de Nossa Senhora da Assunção chegaram ao Ceará, em 1662, os Pes. Jacó Cócleo e Pêro Francisco Cassali, jesuítas. O regimento que traziam era do próprio Governador Francisco Barreto, com data de 17 de abril dêsse ano. Acompanhava-os o Pe. Pedro Pedroso com destino

à Ibiapaba. Os dois missionários trataram logo de arregimentar todos os índios mansos na aldeia de Paramoti, a 4 ou 5 léguas de Fortaleza, próximo à costa atlântica, temendo uma incursão dos índios rebelados pelo maioral Simão Tagaibuna, cujos adeptos infestavam tôda a costa do Meio-Norte.

Em 1665 os gentios domésticos já estavam fixados na Aldeia do Bom Jesus de Parangaba. Daí iam os jesuítas a Camucim e à Ibiapaba, feitas as pazes com os tabajaras, até se quebrarem de nôvo, o que não demorou muito, diz Carlos Studart Filho.

Por volta de 1671 fundou-se a primeira freguesia, ou paróquia do Ceará, sendo o capelão do presídio pró-vigário da mesma. Fato de grande importância, êste.

O Pe. Jacó Cócleo, espírito pugnaz e excelente missionário, acabou deixando o Ceará em fins de 1670, forçado pelos maus tratos que recebia do Capitão-mor e da soldadesca aqui sediada para defesa. Foi para o Apodi reunir-se aos bravos missionários do Açu. Os jesuítas, por ordem de seus superiores, diz Bettendorf, deixaram então o Ceará, cujo clima político lhes era completamente infenso, impedindo a sua atuação civilizadora.

Saídos os jesuítas, foi capelão do presídio o Pe. Francisco Ferreira de Lemos, que aprovou a guerra feita pelos chefes jaguaribaras e principais da Aldeia de Parangaba contra os tapuias Paiacus (1671), sendo Capitão-mor Jorge Correia da Silva. Na ausência dos inacianos, êsses vigários tinham que fazer, muitas vêzes, ofício de missionários. Foi assim que o nôvo capelão do presídio e vigário, Pe. Frei Francisco de Sá, foi à Ibiapaba reiniciar a catequese interrompida com a insurreição de Tagaibuna, doze anos antes, morrendo os índios lá sem sacramentos. Levou consigo, por precaução, temendo ser hostilmente recebido na serra, um cabo, 30 soldados e 150 índios domésticos. Foi bem recebido e converteu 300 silvícolas nesta primeira bandeira religiosa realizada em terra cearense depois da dos Pes. Figueira e Francisco Pinto.

A paróquia de Fortaleza era difícil, mal remunerada, cheia de contradições, vindas até da administração local. Ao Pe. Sá seguiu-se o Pe. Amaro Fernandes de Abreu, que terminou desertando o pôsto sem seguir as vias legais (1683). Não era o homem indicado para as circunstâncias. Os abusos com as índias eram reais, como se pode ver da Representação do Pe. João Duarte do Sacramento, provincial da Congregação do Oratório e prefeito apostólico das Missões. Foi atendido pelo Rei.

Em 1684 passaram pelo Ceará os jesuítas expulsos do Maranhão pela revolta de Beckman. Eram padres, escolásticos e irmãos leigos coadjutores. Alguns se demoraram um curto espaço na Al-

deia do Forte, a saber, o Pe. Manuel Nunes, Estêvão Gondolfin e Gonçalo de Veras, com o Ir. Antônio Ribeiro.

Por algum tempo aqui estiveram os Pes. Manuel Gomes e Diogo des de Abreu (1684). Daí por diante há um certo colapso na obra catequética. Só em 1690 são lembrados de nôvo os jesuítas para se encarregarem da ofensiva cristã contra a impiedade. Foi assim que o Conselho Ultramarino, em Resolução de 8 de janeiro de 1691, conseguiu de el-Rei que a direção das aldeias fôsse tirada aos seculares e entregue aos missionários da Companhia de Jesus.

Em decorrência dessa ordem régia vem ao Ceará o Pe. Ascenso Gago, famoso missionário jesuita. Aqui se encontrava já o Pe. Manuel Pedroso Júnior, que em 1687 chefiou uma bandeira religiosa que fêz descer muitos índios tabajaras da Ibiapaba. Foi êle que desceu também dessa serra para o Açu 600 indígenas serranos, os quais, por determinação superior, não chegaram ao seu destino: foram localizados numa aldeia a 10 léguas do Forte de Nossa Senhora da Assunção e eram assistidos por Manuel Pedroso e Ascenso Gago.

Foi êste último que desceu os índios neófitos para as povoações mais próximas de Fortaleza; queria-os isentos da jurisdição dos Capitães-mores e segregados do convívio prejudicial dos civilizados. Havia, então, no Ceara 6 aldeias de índios domésticos: Caucaia, Parangaba, Paupina e Parnamirim, de índios tupis, e duas outras de índios jaguaribaras. Supridas essas aldeias de missionários, A. Gago e Pedroso Júnior se dedicaram inteiramente à conversão dos tabajaras no norte da Capitania. As bases definitivas das missões jesuíticas da Ibiapaba, segundo a Carta Ânua de 1695, foram lançadas desde 1693 até à expulsão do Ceará, em 1759.

O substituto do Pe. Amaro Fernandes no Ceará foi o Pe. Manuel Ribeiro Marinho que, segundo Studart Filho, foi um dos muitos exemplos de indisciplina reinante no clero daqueles ominosos tempos coloniais. Em 1686, sem a necessária autorização, abandonou seu pôsto, desaparecendo para sempre.

Segue-se o Pe. João Álvares da Encarnação, missionário do hábito de São Filipe Néri, a cujo cargo estavam as aldeias fundadas pelos jesuítas no Ceará. Era pernambucano de Trucunhaém, onde nasceu a 4 de março de 1634 e faleceu, de uma afecção cancerosa, no convento de sua ordem, em 1719, com 86 anos de idade. Recebeu, em 1662, das mãos dos jesuítas Jacó Cócleo e Luis Machado as aldeias sediadas na Capitania do Ceará. Foi missionário de sólida virtude, homem íntegro, indefesso, zeloso — apóstolo em tôda a extensão da palavra.

Sua biografia, escrita pelo historiador acima citado, se encontra na Rev. do Inst. do Ceará, tomo 70, pág. 37, ss.

A seguir foi vigário encomendado da paróquia de Fortaleza o Pe. João Leite de Aguiar, homem prestimoso e zeloso, que aqui veio por ordem do Bispo D. Matias de Figueiredo.

Foi capelão, algum tempo, do têrço dos paulistas, que vieram custodiar o Açu e o Jaguaribe a pedido de D. Frei Manuel da Ressurreição, Arcebispo da Bahia. Depois da retirada dos milicianos paulistas, o Pe. Aguiar, por incumbência do Bispo de Pernambuco, foi missionar os índios jaguariguaras, embora com pouco resultado, diz Serafim Leite.

Vítima de acusações graves, pôsto que infundadas, como se verificou depois, teve seu prestígio irremediàvelmente comprometido. Vencido e desalentado, passou a Pernambuco.

Antes de abordarmos o último vigário do Forte da Assunção, Pe. João de Matos Serra, teríamos que dizer algo do Pe. João da Costa, oratoriano, homem desabusado, que aí por volta de 1700 estagiava entre os índios do Jaguaribe.

Dêle, D. João de Lencastro, a 18 de outubro dêsse ano, fazia queixa ao Rei, acusando-o de perturbar o sossêgo das missões vizinhas, "devendo empregar-se só no bem espiritual das almas que tem a seu cargo".

Quando Manuel Álvares de Morais Navarro, chefe dos paulistas, aquartelados no Jaguaribe, destroçou os paiacus numa cilada (4 de agôsto de 1699), o Pe. João da Costa protestou junto ao Rei contra o paulista, mas o Pe. João Ginzel, jesuíta, embora lamentando o ocorrido, foi, de certo modo, favorável a Morais Navarro, que depois veio a responder por êsse e outros atentados contra os miseros paiacus. (Cf. S. Leite, III, 94.)

Ao pároco resignatário João Leite de Aguiar substituiu o Pe. João de Matos Serra, missionário denodado, homem corajoso, de gênio acre e turbulento, vida agitada e tumultuosa. Brigou com Deus e o mundo, foi ameaçado, constrangido, viu cortados os seus emolumentos, mas não permitiu que a sede paroquial do Forte se mudasse para Aquirás, em 1721, como queriam os vereadores, o Bispo, o Rei, todos.

Nada o demoveu do seu pôsto junto ao Forte, de modo que hoje, serenadas as paixões, pode ser tido como um dos beneméritos da capital cearense. Faleceu um ano depois de constituída, por Manuel Francês, a Vila Nova de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção do Ceará Grande, que Sua Majestade, que Deus guarde, foi servido mandar criar em 13 de abril de 1726, à margem do Pajeú.

É dessa época, 15 de março de 1721, a ordem régia mandando erigir um hospício (colégio) em Aquirás para dez padres jesuítas encarregados da catequese dos índios. Dêsse mesmo ano, 24 de outubro, há uma provisão do Conselho Ultramarino mandando dar

ajuda a favor do Pe. Antônio de Sousa Leal, clérigo do hábito de São Paulo, que missionava nas capitanias do Ceará e do Piauí.

Como recompensa aos seus trabalhos e esforços sôbre-humanos os jesuítas são banidos do Ceará e seus bens incorporados ao patrimônio nacional: Carta Régia de 19 de janeiro de 1759.

Ao deixarem êles, no ano supracitado, a aldeia dos paiacus, que constava de 200 índios, assumiu-a o Pe. Antônio Peres de Cárdenas, que não deu boa conta de si. (Cf. Serafim Leite, III, 92.) Em todo caso, apesar dos desfalecimentos humanos, e da falta absoluta de clero, a fé do povo que se concentrava nas fazendas e vilarejos do interior se conservou, milagrosamente, até hoje, pelo menos quanto ao essencial.

É notável que, sem instrução, sem catequese organizada, sem cura d'almas em muitos centros, só de tempos a tempos visitados por missionários transeuntes, se tenha conservado a fé dêste povo, muito embora as arremetidas das seitas heréticas e das superstições sem número, de modo que ainda dá êsse espetáculo, que vemos nas paróquias, em tempos de missões, congressos religiosos, festa de S. Francisco de Canindé, de Nossa Senhora das Dores, em Juàzeiro, e dos padroeiros locais em geral.

Essa conservação da fé é um prodígio permanente de que são instrumentos providenciais êsses vigários sertanejos, verdadeiros heróis do cristianismo, como o demonstra Mons. Silvano de Sousa no seu recente livro "O Grande Desconhecido".

Como povo religioso, o cearense não difere do restante da população do Brasil, apenas se vê na contingência de olhar para o Céu e se lembrar de Deus nas calamidades periódicas, de que tem sido uma vítima secular e indefesa. O cearense reza, não blasfema, cumpre os seus preceitos religiosos, sobretudo quando está dentro do seu clã e sabe, com sacrifício e generosidade, pagar seus votos e promessas em santuários distantes. É religioso por tradição.

Não queremos dizer que essa religiosidade seja isenta de erros crassos e exageros, muitas vêzes eivada de superstições, por falta de uma formação melhor, mais sistemática e profunda.

De agora, porém, em diante, aplicados às comunidades urbanas e rurais os métodos de uma pastoral de emergência e de conjunto, com maior assistência aos grupos e educação por meios radiofônicos, com maior instrução através de escolas rurais, com uma catequese organizada nos santuários de maior freqüência (pastoral de peregrinação), tudo indica que a situação da massa tende a melhorar como também a das classes superiores com os meios estupendos de cultura que já se têm à mão.

Se até aqui a Providência Divina prodigiosamente conservou a fé dêste povo, trabalhado por tantos infortúnios, nada nos impele

a temer com respeito ao seu futuro religioso, mesmo tendo em vista o esfôrço tenaz das seitas e das fôrças desagregadoras do mal.

Nascemos sob o signo de Deus e de Nossa Senhora do Amparo (Fortim de Pêro Coelho), de São Sebastião e São Lourenço (Fortes de Soares Moreno e Luís Figueira) e, finalmente, sob a égide de Nossa Senhora da Assunção, padroeira da Capital, por obra do General português Álvaro de Azevedo Barreto, sancionada pela competente autoridade religiosa, sendo São José o Patrono celestial do nosso Estado.

Quando o Ceará dependia, eclesiàsticamente, do Maranhão e de Pernambuco, a cuja jurisdição voltou em 1776, só de tempos a tempos vinham, por incumbência dos Bispos distantes, visitadores canônicos às paróquias do Ceará, como Russas, Icó, Aracati, para verificar, **in loco**, o andamento das coisas, lavrando atas de grande importância histórica, que ainda hoje persistem nos arquivos paroquiais. Só em meados do século passado (1854) o Ceará, em matéria de govêrno eclesiástico, se torna autônomo e não mais depende de Olinda e Recife.

O primeiro bispo designado para a nascente diocese foi o fluminense de Angra dos Reis, D. Luís Antônio dos Santos, que Pio IX, por fôrça da bula — "Pro animarum salute", de 6 de junho de 1854, da qual constituiu pastor. Era então Governador da Província o Dr. Francisco Marcondes Homem de Melo, que se orgulhava de ver o regime escravagista no Ceará tão abrandado pelos sentimentos humanos dos patrões.

D. Luís Antônio dos Santos, homem de fé intrépida, animoso e infatigável, meteu mãos à obra na organização de sua imensa diocese, que compreendia todo o território do Estado do Ceará. Governou esta Província eclesiástica desde 1861 até entregá-la, bem diferente, ao seu sucessor, 25 anos depois. Era homem de visão e de ação ao mesmo tempo.

Desajudado de tudo, lidando com um clero deficiente em número e, muitas vêzes, esquecido de seus deveres, fêz vir de Paris os padres da Congregação da Missão (lazaristas) e lhes entregou o Seminário da Prainha, por êle fundado no ano de 1864, e logo após conseguiu a vinda das irmãs-de-caridade, a quem entregou o orfanato das meninas pobres e, em seguida, o Colégio da Imaculada Conceição, hoje centenário e um dos mais conceituados estabelecimentos educacionais de Fortaleza.

Percorrendo, com os meios de então, a gleba árida, sofrendo agruras que se não descrevem, no sertão agreste, D. Luís bem se pode considerar o pioneiro mais eficiente em matéria religiosa no

A braços com extrema escassez de clero, viu ser de grande al-Ceará. Foi um realizador.

cance a fundação, no Sul do Estado, de um seminário, que provesse de párocos tôda a extensa zona do Cariri e dos sertões vizinhos. E assim, no ano de 1874, coadjuvado pelos lazaristas, lançou a pedra fundamental do Seminário do Crato, que tão sazonados frutos tem dado na vinha do Senhor.

D. Luís, em pessoa, foi dirigir a construção da casa e lá se demorou por um semestre, encorajando o povo, de cuja generosidade a obra dependia absolutamente. Inaugurou-o em março de 1875, apenas decorrido um ano.

Abrigando os alunos em barracões de palha, junto à capelinha improvisada, deu comêço às aulas, sendo professôres os lazaristas Lourenço Enrile, superior, Richoux, Antão e Brayde, e não voltou à sua cidade episcopal sem antes conferir ordens sacras, na capela tôsca, de que ainda resta um pau-d'arco como relíquia, aos quatro primeiros candidatos ao sacerdócio, embora não fôssem alunos do seminário nascente: José Alves Bezerra, José Leonardo da Silva, Manuel Félix de Moura e Francisco Lopes Abath, cratense.

Foi comovedora, pela simplicidade do local, esta primeira cerimônia de ordenação presbiteral. Muitos dos assistentes mal puderam conter as lágrimas. Era uma obra para o futuro e o seminário lá está, sôbre a colina, revivendo a glória de seus filhos ilustres, espalhados pelo Brasil.

Em 1877 enfrentou uma epidemia exterminadora, aliada a uma sêca sem precedentes, que postulou tôda a sua energia de herói e de santo. Nessa conjuntura de tristes conseqüências êle mostrou que os horizontes da caridade não têm limites. Para conjurar a peste assoladora, fêz voto de consagrar sua diocese ao Coração de Jesus, a quem erigiu um templo do mesmo nome junto à Cidade da Criança, ligado à generosidade da ilustre família Albano e que, tendo ruído em 1957, foi reedificado pelos capuchinhos, que ali assistem desde 1903.

Foi no seu tempo que se fundaram, no Ceará, as primeiras conferências vicentinas, que tomaram grande incremento na capital e no interior sob a orientação esclarecida do saudoso historiador Barão de Studart e do Dr. Antônio Sabóia de Sá Leitão, aos quais nunca faltaram generosos continuadores.

Transferido a 13 de maio de 1881 para a Bahia, como arcebispo primaz do Brasil, foi agraciado, pelo Imperador Pedro II, com o título de Marquês de Monte Pascoal, tornando-se assim um dos grandes titulares do Império.

Na vacância que se seguiu à saída de D. Luís Antônio dos Santos assumiu o govêrno do Bispado, como vigário capitular, Mons. Hipólito Gomes Brasil, sacerdote de vida ilibada, que foi apenas

um prolongamento do grande antistite a quem servira como vigário-geral.

A sede vacante só foi provida, por decreto imperial, quase três anos depois, a 3 de fevereiro de 1883, com a nomeação do Cônego Joaquim José Vieira, sacerdote paulista, de Itapetininga. Escolhido por Leão XIII e sagrado a 9 de dezembro dêsse ano, tomou posse ainda ausente, servindo-lhe de procurador Mons. Hipólito Gomes Brasil, vigário capitular, a 29 de novembro do ano seguinte.

O nôvo Bispo era um homem culto, sólido em doutrina, teólogo. Na simplicidade e pobreza evangélica, um monge. Governou com sabedoria, fortaleza e suavidade admiráveis. Suas pastorais e decretos são um reflexo da sua bela alma de pastor zeloso, prudente e sagaz, sobretudo a respeito da questão surgida em Juàzeiro do Norte em maio de 1894. Naquele tempo as coisas não tinham ainda a luz que hoje têm, apaziguados os ânimos e vistas à distância, sem preconceitos e paixões exulceradas.

Em Canindé, onde estabeleceu os capuchinhos desde outubro de 1898, coibiu, corajosamente, abusos quase inextirpáveis, lançando interdito contra uma irmandade rebelde, que dilapidava os bens deixados pelos fiéis ao Santuário, hoje Basílica de São Francisco das Chagas. Essa irmandade teve a ousadia de pronunciar seu bispo ante um tribunal civil; o pastor teve que defender-se, com armas jurídicas, sendo advogado seu, nesse impasse, o Dr. Luís de Mendonça, que rejeitou quaisquer emolumentos pela causa.

Foi D. Joaquim José Vieira um **episcopus** na genuína acepção do têrmo. Percorreu o sertão para conhecer o rebanho a si confiado, seu **habitat** e suas necessidades. Era um bispo missionário que semeava, por tôda a parte, a palavra de Deus.

Para redigir um código de leis eclesiásticas por onde se regesse a Diocese, reuniu um sínodo diocesano, o primeiro do Ceará, a 31 de janeiro de 1888. Depois de três dias de trabalhos intensivos, sancionou D. Joaquim e promulgou as Decisões Sinodais da Diocese, obra alicerçada no Direito Canônico então vigente, que mereceu os louvores do Episcopado do Brasil e do estrangeiro.

A D. Joaquim se deve, entre outras obras, essa associação pioneira de assistência social no Ceará, intitulada "União do Clero" (1884), cuja finalidade é garantir aos sacerdotes doentes ou enfermos uma subsistência condigna. De acôrdo com o artigo 10 dessa associação, que goza de personalidade jurídica, foi construído um prédio confortável e belo que lhe servisse de sede, residência e hospedagem dos sócios efetivos, obra que custou, naquele tempo, mais de cem contos de réis.

A êste grande bispo se deve o Externato São Vicente de Paulo, sito à rua 25 de Março e a Escola Jesus Maria José, para as crianças desamparadas, a cargo das irmãs de caridade, anexos ao Colégio

da Imaculada, prédio que hoje serve à Rádio Assunção. D. Joaquim foi um apóstolo da caridade.

Era intenção sua fundar uma escola de artes e ofícios, que seria entregue aos salesianos e mais um asilo de mendicidade, mas quando as coisas já estavam tôdas preparadas, com a doação do prédio e patrimônio feita pelo presidente da Província, Henrique de Ávila, inesperadamente, por um ato do vice-Governador em exercício, tudo lhe é tomado de modo imprevisto e ditatorial. Só muito depois, noutra administração, se destinou tal prédio para servir de escola militar, hoje Colégio Militar de Fortaleza.

Diante do espectro da fome e da miséria provocada pelo flagelo de 1888, D. Joaquim, sempre sensível aos brados da indigência, funda a Associação das Senhoras de Caridade, reunindo damas da nossa melhor sociedade, que iam aos areais distantes levando a esmola, que mitiga a fome, e o confôrto moral, que abre clareiras de esperanças nas trevas das almas embrutecidas pelo infortúnio, no dizer de Mons. Quinderé.

Com a separação da Igreja do Estado, obra repudiada, sofreu certo abalo o culto católico, já agora privado da ajuda oficial. O bispo, espírito arguto e previdente, mediu, num relance, a dificuldade futura de seus sucessores e lançou as bases de um patrimônio estável para a mitra. Êle mesmo, com o fruto de suas parcas economias, pôde deixar, ao sair, a esta notável instituição, 62 apólices da dívida pública — o que não era pouco para aquêle tempo.

Foi sob o seu govêrno que, a 7 de junho de 1894, numa noite de invernia tempestuosa, ruiu quase metade do Seminário da Prainha. O fato se deu de madrugada e, não obstante ter caído também o dormitório, onde 17 rapazes se encontravam, não houve morte alguma a lastimar. D. Joaquim teve de arcar com a reconstrução do Seminário. Dividiu Fortaleza em 7 zonas para coleta de esmolas, feita por distintas senhoras da sociedade. Apelou, também, para a generosidade dos vigários todos e, já em setembro do mesmo ano, podia-se reiniciar ali os trabalhos escolares do currículo interrompido. Tendo de ir a Roma em 1899, a chamado do Papa, rejeitou, pertinazmente, o oferecimento que lhe fazia o Presidente do Estado, Dr. A. Nogueira Acióli, conseguindo, de empréstimo, a quantia necessária às despesas dessa viagem. Era um Concílio Plenário na Cidade Eterna. E D. Joaquim, homem de valor intelectual, se distinguiu, nas Comissões, pelo bom senso e pela perspicácia com que ventilava as questões mais sutis.

Era de porte heráldico, mas de hábitos modestos e de grande integridade de caráter. Tinha a Comenda da Ordem de Cristo e pertencia ao Conselho de Sua Majestade, de que não fazia alarde. Só se soube que êle era parente próximo e amigo íntimo de Pinheiro Machado depois de sua saída do Ceará.

Alquebrado de trabalhos, vendo que não mais podia com o pêso do múnus pastoral, pede a D. Jerônimo Tomé da Silva uma solução para o seu caso. O arcebispo primaz, atendendo aos rogos do bispo cearense, envia ao Ceará, em novembro de 1908, o Con. Manuel Antônio de Oliveira Lopes, já sagrado como bispo titular de Tabes e coadjutor do Ceará, com direito à sucessão. Não ficou mais de um ano, optando pela Cátedra Episcopal de Alagoas.

A Santa Sé, tendo em vista êste estado de coisas, manda a Fortaleza um nôvo bispo auxiliar na pessoa de D. Manuel da Silva Gomes, figura das mais expressivas do clero baiano.

Sagrado a 29 de outubro de 1911 na Sé primacial da Bahia com o título de Bispo de Mopsuéstia e Auxiliar do Ceará, chegou a Fortaleza a 9 de fevereiro de 1912, assumindo a direção do Bispado a 8 de dezembro do mesmo ano. A êsse tempo D. Joaquim já havia renunciado às suas funções para ceder lugar ao seu digno sucessor. Servira ao Ceará, desveladamente, durante 28 anos e, se agora o abandonava, era levado pelo império das circunstâncias, como disse em carta de despedida.

Em 1890 e 97 fôra convidado por núncios da Santa Sé para arcebispo do Rio Grande do Sul e de São Paulo, respectivamente, mas preferiu permanecer no seu humilde pôsto de pastor da gleba cearense, a que já se afeiçoara de coração. Foi êle ainda que, depois de muitos dares e tomares, conseguiu integrar aos bens da mitra cearense o imóvel do Palácio Episcopal, que pertencia à União.

A 19 de abril de 1914 se transferia para Campinas, São Paulo, onde exercera as primícias de sua vida sacerdotal, sendo recebido festivamente pelo povo e lá veio a falecer, piedosamente, a 8 de julho de 1917. Assim findava o segundo bispo do Ceará.

Foi na festa da Imaculada Conceição, 8 de dezembro de 1912, que D. Manuel da Silva Gomes assumiu o govêrno diocesano do Ceará. Nascera na Bahia a 14 de março de 1874. Era um belo tipo de homem, atraente e simples, majestoso e nobre — uma alma superior e por isso amadíssimo do nosso povo. E respeitado.

A obra realizada por êle no Ceará é simplesmente ciclópica: tem as dimensões do seu imenso coração. Foi com sua aprovação ou a convite seu que aqui se estabeleceram muitas ordens e congregações religiosas para elevação intelectual e moral da nossa gente. Nem todos, porém. É assim que vemos, no Ceará, franciscanos e capuchinhos, com os seus grandes missionários. Jesuítas, redentoristas, brasilianos (melquitas), lazaristas, salvatorianos, sacramentinos, padres da Sagrada Família, padres do Coração de Jesus (Floresta), de Nossa Senhora de Nazaré, maristas, salesianos e outros.

Mais de uma vez, ante o infortúnio de seu rebanho, oprimido pela miséria e pela fome, consectários da sêca de 1915, o bondoso pastor andou pelo Brasil afora esmolando e pedindo, com grande

repugnância sua — é claro! — para socorrer os flagelados do Ceará. Era o andarilho de Deus como lhe chamou alguém.

Homem apostólico e desprendido, alcançou da Santa Sé a criação de mais três dioceses no torrão cearense: Crato, Sobral e Limoeiro do Norte, esta última a 8 de maio de 1938, por obra de Pio XI.

Foi D. Manuel da Silva Gomes um pastor exemplaríssimo. Era, além do mais, um orador sacro de recursos admiráveis. Em 1939, premido pela idade, renunciou ao múnus episcopal e ficou residindo aqui, como arcebispo titular de Viminácio. Faleceu a 13 de março de 1950 com grandíssimo pesar da população. Sua memória será eterna no seio do povo, que amou e serviu por mais de um quarto de século.

A esta altura dos acontecimentos já lhe havia sido dado, como sucessor, outro grande arcebispo, D. Antônio de Almeida Lustosa, mineiro de São João d'El-Rei. Zeloso e santo, além de literato e escritor, dirigiu esta arquidiocese proficientemente, por mais de 20 anos, fazendo-a progredir em todos os sentidos. Recebeu de seu sucessor, D. Manuel, uma igreja florescente e organizada com associações religiosas em pleno borbulhar de atividades apostólicas: — Ação Católica, congregações marianas, União dos Moços Católicos, Vicentinos, círculos operários, fundados em 1915 (14 de fevereiro), pioneiros dos círculos de trabalhadores cristãos do Brasil. Juventude Operária Católica, Mães Cristãs, Cruzada Eucarística, Legião de Maria etc.

Como os seus três antecessores, renunciou afinal, por fôrça da idade, indo residir em Carpina, Pernambuco, com os de sua Congregação Salesiana, arcebispo titular de Vilebusdo. Nesse interim criam-se, no Ceará, mais duas dioceses: a primeira em 1962, em Iguatu; a segunda em Crateús, em 1964.

Com a renúncia de D. Antônio Lustosa regeu a Diocese, como vigário capitular, D. Raimundo de Castro e Silva, cearense, homem notável pela brandura, santidade de vida e lhaneza de trato, até à vinda do nôvo arcebispo designado, D. José de Medeiros Delgado, natural da Paraíba, transferido da sede de São Luís do Maranhão para Fortaleza.

D. José Delgado assumiu o govêrno desta arquidiocese a 10 de maio de 1963, na Catedral em construção, sendo orador da solenidade D. Expedito Eduardo de Oliveira, cearense, bispo de Patos. É um pastor bondoso, vigilante, simples, acessível, sempre aberto às questões do momento, trabalhador a ponto de levantar-se à noite para escrever os seus artigos para "O Nordeste", dinamizador da vida paroquial segundo os moldes do Concílio Vaticano II, sempre em dia com as normas da Pastoral de conjunto, homem dinâmico e de rara visão sociológica.

Sob sua esclarecida direção tôdas as obras católicas continuam

sem solução de continuidade. Com o auxílio da Diocese de Colônia, Alemanha, construiu o Seminário Menor do Bairro Dias Macedo, e leva por diante as obras do Hospital Cura d'Ars simultâneamente com a construção da nova catedral, começada em 12 de agôsto de 1938 e que há anos se arrasta, morosamente, por falta de meios pecuniários. A construção da catedral será, por certo, o seu maior título à gratidão de nosso povo.

Abriu as portas do palácio ao clero, de quem é grande amigo, e a todos no sentido mais democrático e moderno possível. Enfim, um homem dos nossos tempos. Tem como auxiliares, no govêrno da vasta arquidiocese, D. Raimundo de Castro e Silva, bispo titular de Usali, e D. Gerardo de Milleville, arcebispo titular de Gabala, que superintende as comunidades religiosas femininas.

Convém saber que Fortaleza se tornou sede metropolitana, ou arquidiocese, desde 10 de novembro de 1915.

Como bispos auxiliares de Fortaleza, ao tempo de D. Antônio Lustosa, devem citar-se D. Eliseu Simões Mendes, baiano, que muito fêz pelo Ceará, hoje bispo de Campo Mourão, no Paraná, e D. Expedito Eduardo de Oliveira, diocesano de Patos, Paraíba.

Quanto a vigários-gerais e capitulares de nossa sede arquiepiscopal, em períodos de vacância mais recentes, relembramos os nomes de Mons. Tabosa Braga, de saudosa memória, de Mons. Otávio de Castro, idem, de Mons. Alfredo Furtado e de Mons. André Camurça, na ausência dos bispos, por motivo do Concílio Vaticano II, ora em sua última fase.

Atuam na Arquidiocese, num trabalho fecundíssimo de catequese e educação da juventude, as seguintes congregações femininas:

Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, com muitas casas na Capital e no interior do Estado;

Irmãs Capuchinhas da Imaculada Conceição (com ginásios e sanatórios);

Filhas de Santana (ginásios e assistência hospitalar);

Filhas de Maria Auxiliadora, Salesianas (formação da juventude feminina);

Carmelitas Descalças (trabalho, silêncio e oração);

Irmãs Dorotéias (educação feminina e catequese);

Religiosas do Bom Pastor de Angers (amparo às môças em recuperação);

Irmãs de Nossa Senhora do Amparo (instrução, Ginásio Santa Rita, Maranguape);

Missionárias de Jesus Crucificado (apostolado onímodo);

Filhas de Santa Teresa de Jesus (colégios, patronatos, seminários etc.);

Legionárias de Nossa Senhora Rainha dos Corações (livraria católica, difusão de livros e objetos religiosos);

Damas da Instrução Cristã (formação da juventude, Ginásio Santa Cecília);

Filhas do Amor Divino (pedagogia católica. Educandário Stella Maris);

Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena (educação integral da juventude);

Filhas de Maria, Servas da Caridade (apostolado com os pobres);

Filhas do Coração de Maria (Instituto Social, formação superior da juventude);

Instituto Josefino (Instituto Mons. Luís Rocha, Ginásios, serviço religioso em seminários e comunidades religiosas);

Irmãs de Nossa Senhora do Senáculo (casa de retiros para tôdas as classes);

Missionárias de Santa Teresinha (apostolado com os pobres, Pirambu);

Irmãzinhas dos Pobres de Pe. Charles de Foucauld (apostolado nas praias entre gente humilde);

Irmãs Franciscanas de São Bernardino de Sena (catequese, auxiliares em colégios católicos);

Sociedade das Auxiliares do Apostolado (Casa do Menino Deus, recuperação de mulheres decaídas);

Auxiliares femininas internacionais (instrução popular);

Pia Sociedade das Filhas de São Paulo (difusão da Imprensa Católica);

Mensageiras de Maria, Irmãs, fundadas por D. Campelo (ensino, catequese);

Irmãs do Imaculado Coração de Maria (Caucaia, instrução cristã, orfanatos).

* * *

Falando da influência da Religião no Ceará, não podemos passar por alto os órgãos de imprensa especificamente religiosa, jornais de grande accitação e entrada nos lares cristãos de nossa terra.

Em primeiro lugar, pela importância do seu passado, o diário católico "O Nordeste", fundado, em Fortaleza, pelo Dr. M. A. de Andrade Furtado a 26 de junho de 1922.

"O Santuário de São Francisco", editado em Canindé pelos franciscanos, desde 1.º de janeiro de 1915. Quinzenário de mais de dez mil assinaturas, muito lido, ainda hoje, pelos devotos do Poverello.

"A Verdade", de Baturité, fundada a 8 de abril de 1917 e dirigida, até hoje, pelo grande líder católico, Comendador Ananias Arruda. Semanário de notável aceitação em Baturité e alhures.

"O Correio da Semana", fundado por D. José Tupinambá da

Frota. Circula em Sobral desde 1918, semanário apreciadíssimo na zona norte do Estado.

"A Ação", fundada e dirigida pelo clero e laicato católico do Crato desde o tempo de D. Francisco Pires. Sucedeu a "O Minarete".

"A Fortaleza", jornal bem feito e bem orientado, surgido, para servir de órgão aos operários católicos, a 2 de agôsto de 1950. É superiormente dirigido pelo Rev. Pe. Arimatéia Diniz, incontestável líder operário. Redator-chefe: Luís Sucupira.

Omitimos, é claro, muitas outras publicações e revistas incontáveis, mas não podemos deixar de mencionar o antigo jornal fortalezense, de orientação católica — "Cruzeiro do Norte", dirigido por Rufino Gomes de Mato. Prestou bons serviços à causa que defendia.

* * *

DIOCESES SUFRAGÂNEAS. Pela Bula "Catholicae Ecclesiae", de 20 de outubro de 1914, foi criada a diocese do Crato, que teve como primeiro bispo D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva. Nasceu em Salgadinho, município de Quixeramobim, a 31 de outubro de 1863 e faleceu no Crato a 28 de dezembro de 1929.

Feitos os estudos elementares, ingressou no Seminário de Fortaleza, onde se ordenou a 19 de junho de 1897. Por dois anos foi coadjutor de Missão Velha; sete anos professor e reitor do Seminário do Crato. Rejeitou a mitra de Teresina, vindo depois a aceitar a do Crato, que não pôde recusar.

Foi, segundo Figueiredo Filho, um presente régio que Quixeramobim doou ao Sul do Estado. Sua obra é imperecível na gratidão dos pósteros, como bem merece êsse varão de têmpera dos heróis da Bíblia. Dêle diz o seu biógrafo, Pe. Azarias Sobreira: — "A impressão deixada pelo primeiro bispo do Crato foi a de um homem superior, autêntico paradigma, educador de rara atuação, pioneiro do progresso em vários setores. Como João XXIII, nasceu num lar modestíssimo e paupérrimo. Filho de um vaqueiro." Promoveu-se pelo próprio esfôrço. Sagrado a 31 de outubro de 1915, tomou posse da Diocese a 1.º de janeiro de 1916. Entre suas obras principais podem-se contar a Congregação das Filhas de Santa Teresa e o Banco Agrícola do Cariri.

Por sua morte foi substituído, dois anos depois, em 1931, por D. Francisco de Assis Pires, baiano, nascido a 4 de outubro de 1880. Fêz estudos superiores em Olinda e se ordenou a 14 de abril de 1903. Já havia renunciado ao Bispado, quando o colheu a morte, a 10 de fevereiro de 1960. Foi um pastor manso e modelar. Muito lhe deve a Diocese do Crato. O que lhe faltava em talento oratório, sobrava-lhe em doçura e longanimidade, diz Azarias Sobreira. Homem

tranqüilo e prudente, administrador escrupuloso, foi sempre bem aceito do clero e do povo cratense, que êle amava de coração.

Teve como sucessor D. Vicente de Araújo Matos, sagrado a 21 de abril de 1955. Nasceu em Itapajé a 11 de junho de 1918. Estudou em Fortaleza e ordenou-se a 29 de novembro de 1942. Vigário de Capistrano por algum tempo. Depois diretor do Colégio Castelo, onde já fôra, anos antes, vice-diretor.

No supracitado ano assumiu o Bispado do Crato, onde se tem mostrado um pastor desvelado, atento ao problema social, operoso e sempre preocupado com a promoção do homem do campo, eterno pária do Nordeste, abandonado à sua dura sorte nos engenhos de aguardente e rapadura, sem a menor esperança de recuperação humana. Atualmente está em Roma no Concílio Ecumênico Vaticano II.

A Diocese de Sobral foi constituída, em 1916, pela bula "Catholicae Religionis Bonum", sendo seu primeiro bispo D. José Tupinambá da Frota.

Era de Sobral, onde nasceu em 1882. Depois de um curso brilhante, em Roma, ordenado presbítero em 1908. Em 1916, depois de vários anos de paroquiato, foi eleito bispo de Sobral. Homem extraordinário, com certeza. Durante o seu fecundo episcopado realizou obras notáveis, que sobressairiam em qualquer parte do mundo. A êle se deve a Santa Casa de Misericórdia, o Palácio Episcopal, o jornal "Correio da Semana", o Banco de Crédito Popular, o Seminário São José, o Cine-Teatro Glória, o Ginásio e a Escola Normal Sant' Ana, o Colégio Sobralense, a Escola Profissional, a Casa de Saúde São José, o belo Museu Diocesano, o Patronato Maria Imaculada, o nôvo edifício do Museu Diocesano, o Abrigo e Orfanato Sagrado Coração de Jesus, com sua bela igreja, o Jardim Zoológico, a pista de recreação em frente ao Seminário, a terraplanagem da lagoa do bairro de Betânia e, por fim, a monumental História de Sobral, legada aos homens da sua terra.

Formou um clero exemplar e numeroso; criou 18 paróquias novas; introduziu, na diocese, dez congregações religiosas; manteve várias instituicões assistenciais, contando para isso apenas com os rendimentos ordinários da Cúria, acrescidos de sua herança paterna. Não há dúvida, um grande bispo. O homem mais benemérito de Sobral e da zona norte, incontestàvelmente.

Faleceu a 25 de setembro de 1959.

Na sede vacante foi vigário capitular D. José Bezerra Coutinho, até a vinda do nôvo bispo, o pernambucano D. João José da Mota Albuquerque. Nomeado a 22 de janeiro de 1961, tomou posse a 22 de maio dêsse mesmo ano.

Homem maravilhoso de simplicidade, despretensão e nobreza de trato. Ganhou logo as graças de todos os habitantes de Sobral, do clero inclusive. E trabalhou, indefessamente, até 28 de abril de 1964,

quando foi transferido, como arcebispo, para São Luís do Maranhão.

Na sede vacante ficou, como vigário capitular da Diocese, Mons. Joaquim Arnóbio de Andrade, que já vinha exercendo as funções de vigário-geral.

Entretanto, é nomeado o nôvo bispo de Sobral, D. Valfrido Teixeira Vieira, baiano, que assumiu a Diocese a 19 de março de 1965. No pouco tempo de sua gestão religiosa o nôvo bispo tem contentado a todos pelas suas altas qualidades de inteligência e distinção de maneiras.

Muito se espera ali de sua clarividência e esperançosa juventude.

A 8 de maio de 1938 uma terceira diocese surgia no Ceará, em Limoeiro do Norte, criada por ato de Sua Santidade Pio XI. Seu primeiro bispo foi D. Aureliano Matos, cearense, homem virtuoso, simples, prudente e de grande suavidade de trato.

Nasceu a 17 de outubro de 1889 em São Francisco de Uruburetama. Entrou no Seminário de Fortaleza em 1906, onde se revelou um estudante modêlo e nêle terminou seus estudos eclesiásticos. Celebrou sua primeira missa na terra natal a 8 de dezembro de 1914. Foi pároco em Pentecoste, Arraial e Itapipoca. Desde cedo se revelou um sacerdote de largo tirocínio administrativo, preocupado com o progresso social e educacional do povo.

Eleito Bispo de Limoeiro do Norte a 8 de fevereiro de 1940, sagrou-se na cidade do mesmo nome a 29 de setembro dêsse ano.

Fundou ali o Seminário Diocesano, a Rádio Jaguaribe, o Patronato Santo Antônio e uma maternidade, o Ginásio Pe. Anchieta, obras de elevado alcance social. Ùltimamente, aos 76 anos, escreveu uma pastoral sôbre a valorização do vale jaguaribano, entregue pelo govêrno a uma missão francesa, trazendo aos técnicos as luzes de sua experiência sôbre vários problemas da região.

Pela bula papal "In Apostolici Muneris", de 28 de janeiro de 1961, foi criada a Diocese de Iguatu, no Ceará. A bula foi publicada a 25 de março do mesmo ano. A posse do primeiro bispo, D. José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago teve lugar a 4 de fevereiro de 1962.

D. José Mauro Ramalho, filho de tradicional família de Russas, estudou no Seminário de Fortaleza, onde se ordenou a 5 de dezembro de 1948. Primeira missa em sua terra natal, em 6 de dezembro do mesmo ano. Em seguida, nomeado diretor do Ginásio Diocesano de Limoeiro do Norte, onde serviu alguns anos. Transferido para Aracati, foi pároco dessa cidade e aí o surpreendeu a nomeação para bispo de Iguatu, diocese recém-criada. Era, ao ser eleito, um dos bispos mais novos do Brasil, pois nascera em Russas a 14 de maio de 1925. Tomou a peito, antes de tudo, a fundação do Seminário Diocesano e a formação do povo, sobretudo na zona rural, ciente de que a primeira reforma agrária do Brasil é a alfabetização de sua gente.

É um pastor esclarecido e amável, otimista e sumamente tratável. Um bispo à altura dos tempos.

A última diocese cearense a ser constituída foi a de Crateús, por iniciativa do Papa Paulo VI, pela bula "Pro Apostolico Munere". A Diocese compreende 12 municípios e outras tantas paróquias, sendo duas adidas.

Para uma área de 21.881 km2 e com uma população de 300 mil habitantes, possui apenas 13 sacerdotes e 20 seminaristas estudando fora, pois carece ainda de seminário próprio.

O primeiro bispo de Crateús é D. Antônio Batista Fragoso, paraibano. Em seu Estado natal, desde a ordenação, trabalhou até 1957, quando foi sagrado bispo auxiliar de D. José de Medeiros Delgado, metropolita de São Luís do Maranhão. Transferido para Fortaleza D. José Delgado, foi D. Fragoso eleito vigário capitular da sede vacante até 18 de junho de 1964.

Nomeado bispo da nova diocese de Crateús, a 28 de abril de 1964, tomou posse a 9 de agôsto do mesmo ano, com grande júbilo da população local. É um bispo desprendido, sem afetação e sem pôse, de idéias nobres e arejadas. Sua ação na Diocese é eminentemente pastoral distinguindo-se pelo primado da evangelização. Bispo nôvo, trabalhador e idealista.

Terminando, daremos uma resenha sucinta dos bispos e sacerdotes mais em evidência por seu saber, virtude e ação apostólica, saídos do nosso povo desde a instalação do primeiro bispado até hoje.

Dom Lino Deodato Rodrigues, natural de Russas, nascido a 23 de setembro de 1826, ordenado em Olinda em 1850, bispo de São Paulo em 1873, falecido em 1894. Sua biografia se acha magnìficamente escrita pelo Dr. Moreira de Sousa.

Dom Manuel de Medeiros, aracatiense, 1829. Ordenou-se em Olinda em 1853. Estudou em Paris e em Roma, onde se doutorou em Ciências Sagradas. Bispo de Pernambuco em 1865. Faleceu em Maceió não muito depois.

Dom Jerônimo Tomé da Silva, de Sobral, 1849. Formado em Roma. Doutor em Filosofia e Direito Canônico. Bispo do Pará, 1890. Primaz da Bahia em 1893. Falecido em 1924.

Dom José Lourenço da Costa Aguiar, de Sobral, 1847. Ordenado em 1870. Político militante, deputado em Belém em mais de uma legislatura. Laureado em Roma **in utroque iure.** Bispo de Manaus em 1893. Falecido em Lisboa em 1905.

Dom Antônio Xisto Albano, de Fortaleza, 1859, ordenado em Paris pelo Cardeal Richard, em 1885. Catedrático do Liceu do Ceará. Nomeado bispo do Maranhão, renunciou em 1906 permanecendo como titular de Betsaida.

Dom Carloto Fernandes Távora, de Jaguaribe, 1863. Presbítero em 1889. Paroquiou várias freguesias do Ceará. Foi para Minas, Juiz

de Fora, onde o alcançou a nomeação para bispo da Caratinga em 1917. Morreu no Rio em 1933. Era um bispo virtuoso e sacrificado em extremo ao rebanho.

Dom Joaquim Ferreira de Melo era natural do Crato, sítio São José, onde nasceu em 1873. Estudou no Crato e em Olinda, onde se ordenou presbítero. Em 1921, sendo vigário-geral de Fortaleza, foi elevado à Sé de Pelotas, Rio Grande do Sul, onde exerceu um profícuo apostolado de mais de 20 anos. Era um pastor prudente e cônscio de suas responsabilidades. Sua biografia foi escrita por Mons. Silvano de Sousa, que o acompanhou durante tôda a vida episcopal no Sul do País. Faleceu em 1945.

Dom Hélder Câmara, de Fortaleza, onde nasceu a 7 de fevereiro de 1909. Ordenado em 1931, 15 de agôsto. Secretário da Educação no Govêrno Meneses Pimentel. Coadjutor da Sé, orador de grande relêvo, de reais recursos, jornalista combativo em defesa do operariado católico. Transferido para a Guanabara, logo se tornou um ídolo do povo carioca, que nêle via um padre identificado com o Evangelho. Em 1952 foi sagrado arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, onde levou a efeito uma obra estupenda em favor dos marginais das favelas. Desde 1963 é arcebispo de Olinda e Recife, sempre preocupado com a situação insustentável do que hoje se chama o "terceiro mundo".

Dom José Terceiro de Sousa, natural de Boa Viagem, onde nasceu a 7 de julho de 1908. Estudou e ordenou-se no Seminário da Prainha em 1933.

Vigário de Pereiro e de Russas, onde veio a ser sagrado bispo de Caiteté, na Bahia. Dali foi transferido para Salvador, onde a Santa Sé o fêz auxiliar do arcebispo Primaz, D. Augusto Álvaro da Silva, cardeal. Hoje é bispo de Penedo, em Alagoas.

Dom Raimundo de Castro e Silva, de Aracoiaba, onde nasceu a 1-5-1905. Estudou e se ordenou no Seminário Central de Fortaleza, em 1932. Nomeado bispo de Oeiras, no Piauí, lá permaneceu alguns anos. Renunciando àquele bispado, foi nomeado bispo auxiliar de D. Antônio de Almeida Lustosa. Atualmente continua como bispo auxiliar e vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza.

Dom Expedito Eduardo de Oliveira, natural de Pacatuba, onde nasceu a 8 de janeiro de 1910. Estudou e se ordenou no Seminário da Prainha a 30-11-1933. Foi constituído bispo auxiliar de Fortaleza ao tempo de D. Antônio Lustosa (1953). Posteriormente (1959) foi transferido para a Diocese de Patos, Paraíba, onde continua como bispo residencial. Homem moderado, prudente e de profundo bom senso.

Dom José Bezerra Coutinho, natural de Capistrano, perto de Baturité. Estudou em Sobral e em Fortaleza, onde se ordenou presbítero. Foi vigário de Massapê de 1955 a 1957 e de São Benedito

na Ibiapaba. Em 1957 é feito bispo auxiliar de Sobral. Vigário-geral da Diocese. Aí o colheu a designação para primeiro bispo residencial de Estância, Sergipe. (1961)

Mons. Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, de Aracati. Sacerdote austero e digno. Consumado latinista e humanista de polpa. Trasladou para a língua do Lácio todo o primeiro Canto dos Lusíadas" em hexâmetros virgilianos. Foi Vigário-geral de Fortaleza, professor em vários estabelecimentos de ensino. Por muitos anos pároco de Aracati, onde morreu a 29 de setembro de 1930.

Mons. Miceno Clodoaldo Linhares, natural do Icó, nascido em 1838. Foi o primeiro presbítero ordenado por D. Luís dos Santos em Fortaleza. Foi orador sacro de renome e, ao falecer em 1924, era vigário de Lavras da Mangabeira.

Mons. Salviano Pinto Brandão. Nasceu em Sobral a 9 de fevereiro de 1840. Ordenou-se em Fortaleza a 30 de novembro de 1867. Vigário de Quixeramobim por mais de 40 anos. Em 1890 recusou a mitra do Pará. Chegou à dignidade de Monsenhor Camareiro Secreto em 1915. A 29 de agôsto dêsse ano falecia em Quixeramobim, onde deixou fama de sacerdote irrepreensível.

Mons. João da Cruz Saldanha. De Canindé, 1853. Homem inteligente e de esmerada educação cívica. Vida consagrada às boas causas. No Rio de Janeiro, sendo pároco de São Francisco Xavier, fundou o Asilo do Bom Pastor, o primeiro do Brasil destinado à regeneração de mulheres perdidas. Faleceu em 1915.

Mons. Manuel Cândido dos Santos. De Saboeiro, 13-1-1854. Foi professor do Seminário de Fortaleza, vigário de Barbalha e de Baturité por 30 anos, onde imprimiu uma marca indelével na formação religiosa do povo. Rejeitou, por humildade, os bispados de Olinda e Teresina e faleceu em Saboeiro em 12 de janeiro de 1932.

Mons. João Florentino Gadelha Mourão. De Ipueiras, Ceará, 1842. Ordenou-se em Roma, onde se doutorou em Direito Canônico. Em mais de uma legislatura foi deputado federal e senador pelo Maranhão. Notabilizou-se durante a Questão Religiosa, quando lhe coube governar a igreja paraense na ausência de D. Antônio de Macedo Costa.

Mons. Liberato Dionísio da Costa. Nasceu em Aracati em 1868 e faleceu em Fortaleza a 15 de novembro de 1941. Diretor da Escola Cristã, por êle fundada em 1882. Dirigiu-a até 1898. Era homem respeitável e respeitado, diz Raimundo Girão. Foi coadjutor da Sé. Serviu na igreja do Rosário. Era catedrático da Escola Normal, político militante, tendo sido vice-presidente do Estado. Mas foi sobretudo pedagogo e mestre de várias gerações de cearenses.

Mons. Francisco Leite Barbosa. De Aracati, onde nasceu em 1847. Estudou no Pará, de cujo Seminário foi professor. Ordenado por D. Antônio de Macedo Costa em 1876. Homem ilustre por vários títu-

los, foi vítima da incompreensão humana, diz um seu biógrafo. Sacerdote de vida integérrima, ligou seu nome à catequese amazônica, levando a luz da fé àquelas paragens misteriosas.

Mons. Fernandes Távora. De Jaguaribe, onde veio à luz em 1851. Ordenou-se em 1879, depois de um curso brilhante concluído em Fortaleza. Era uma espécie de **globe-trotter**. Paroquiou várias freguesias do Ceará, inclusive Crato. Estêve em vários pontos do Sul do País. Voltou à Amazônia. Dai passou a Roma, onde freqüentou a Academia dos Nobres e estudou diplomacia. Presidiu, como deputado, a Assembléia Provincial do Ceará. Sobressaiu pela cultura e pela vida cheia de benemerências.

Mons. João Aureliano Correia dos Santos. De Aracati. Em 1877, em plena sêca, migrou para o centro e fixou-se em Niterói, onde foi pároco da igreja de São João Batista. Era político e representou o Estado do Rio na Câmara Federal. Faleceu em 1904.

Mons. Antero José de Lima. Em 1864, ao tempo do primeiro bispo, ingressou no Seminário da Prainha, ordenando-se em 1868. Foi pároco de Itapipoca por 31 anos seguidos, deixando o seu nome gravado na memória e no coração do povo. Sabia fazer-se amar. Chegou a deputado estadual e, como bom cearense, foi morrer em Manaus, vigário da igreja dos Remédios.

Mons. José Teixeira da Graça. Oriundo de Aracati, 1853. Ordenou-se em 1876. Bom orador sacro. Sacerdote exemplar e piedoso, faleceu a 24 de junho de 1894, sendo cura da Sé. Seu entêrro foi uma consagração póstuma nunca vista.

Mons. Vicente Ferreira Galvão. Estudou, tomou ordens sacras e fêz carreira eclesiástica no Maranhão. Reitor do Seminário de S. Luís. Ao morrer exercia as funções de vigário-geral. Provinha da cidade de Independência, no Ceará.

Mons. Joviniano Barreto. Nasceu em Tauá, a 7 de fevereiro de 1889. Ordenou-se a 21 de dezembro de 1911. Foi seguidamente vigário de Independência, coadjutor de Lavras, cura da Sé do Crato, diretor do Colégio Diocesano, do Seminário Episcopal e do Ginásio Cratense, donde saiu para Juàzeiro do Norte a fim de assumir o govêrno da paróquia, em cuja administração o colheu a morte. Era homem de grandes qualidades e aptidões, administrador arguto, enérgico e competente. Inteligência privilegiada, nada havia difícil para êle, fôsse na tribuna ou no mundo das finanças. Para ser bispo, diz Azarias Sobreira, contraindicava-o, talvez, a sua conhecida impulsividade de temperamento. E foi a isto que deveu, em parte, o fim trágico que teve, apunhalado, em dia festivo, por um mentecapto oriundo do Açu. Homem de fé robusta, soube ser amigo desvelado e colega cem por cento.

Mons. Antônio Tabosa Braga. Nasceu no município de Itapipoca no dia 14 de dezembro de 1874. Recebeu Ordens Sacras no dia 6

de novembro de 1888 e, depois de uma vida fecundíssima, faleceu no dia 12 de abril de 1935.

Foi vigário desde sua ordenação até 1919. Vigário-geral de Fortaleza e da matriz do Carmo. Dêle disse Leonardo Mota: "Por seu apostolado agigantou-se no Ceará, que êle amava com ternura e se revelou a mais eloqüente das vozes que se ergueram a favor dos flagelados. É indiscutível o seu primado entre os sacerdotes jornalistas da Terra da Luz."

No dizer de Antônio Sales "foi o mais lídimo êmulo de Vicente de Paulo e Francisco de Assis em nossa terra". Para Eusébio de Sousa "era uma fôrça construtiva, uma segurança moral em nossa democracia. Como poucos reunia cultura aprimorada, distinção de maneiras, firmeza de princípios, retidão e respeito aos semelhantes". Para Andrade Furtado "era a encarnação do otimismo, oriundo da ilimitada confiança na assistência do Altíssimo. Infundia, nos que dêle se aproximavam, decidida coragem e certeza do êxito da boa causa". São tantas as benemerências que lhe exornam a personalidade, que o seu biógrafo — Pe. Azarias Sobreira — pôde, com inteira justiça, aplicar-lhe os seguintes conceitos: "Educador da juventude, bravo jornalista católico, mensageiro da boa vizinhança, apóstolo do catecismo, intemerato defensor da Igreja, semeador de santos entusiasmos, precursor da Ação Católica, cultivador de vocações religiosas, pobre voluntário, coração sempre aberto aos infelizes, pregador credenciado pelo Altíssimo."

Mons. José Quinderé. Veio ao mundo a 10 de janeiro de 1882 em Maranguape. Estudou e ordenou-se em Fortaleza a 30 de novembro de 1904. Professor do Liceu do Ceará. Deixou três livros de Apologética cristã, uma autobiografia e o esbôço biográfico do segundo bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira.

Coadjutor de Maranguape e da matriz do Carmo, deputado estadual, apesar de sua falta de aptidão para a tribuna (era gago), foi uma figura de grande relêvo na sociedade fortalezense, que o idolatrava merecidamente. Nos últimos anos, cegou completamente e foi assim que celebrou o seu cinqüentenário de sacerdócio. Quando da primeira edição dêste livro, em 1939, foi êle quem escreveu o resumo da história eclesiástica do Ceará, que ora se amplia e se atualiza para a presente edição. À nova catedral em construção deu, durante anos, o melhor dos seus esforços. Faleceu piedosamente a 26 de agôsto de 1962.

Mons. Otávio de Castro e Silva. Nasceu em Fortaleza no dia 18 de junho de 1888. Fêz seus estudos eclesiásticos e se ordenou no Seminário da Prainha a 30 de novembro de 1911. Foi coadjutor de Maranguape, professor do Seminário, vigário-geral e governador do Arcebispado na vacância que se seguiu à abdicação de D. Manuel

da Silva Gomes. Homem de bem. Um dos fundadores, em 1912, do Colégio Cearense dos Maristas, onde ensinou igualmente.

Mons. Luís de Carvalho Rocha. Era de Sobral, onde nasceu em 22 de abril de 1886. Ordenou-se em Fortaleza a 30 de novembro de 1908. Pároco de Redenção por treze anos a partir de 1911. Fundou e dirigiu, com êxito, várias associações religiosas. Era homem amável e zeloso da glória de Deus. Idealizou a Congregação das Irmãs Josefinas, hoje florentíssima, que o tem como fundador e benfeitor. Faleceu em Fortaleza a 11 de setembro de 1949.

Mons. Manuel Soares Neto. Nasceu a 6 de janeiro de 1889 em Baturité. Estudou no Seminário Central da Prainha e ordenou-se no dia 30 de novembro de 1912. Vigário de Palma e Senador Pompeu, donde emigrou para o Rio, onde foi constituído vigário de São João Batista da Lagoa, em Botafogo. Era proverbial o seu desprendimento. Nunca amealhou sequer para as necessidades mais imperiosas. Era sumamente hospitaleiro e construiu junto à sua matriz uns apartamentos que se destinavam a receber sacerdotes hóspedes do Ceará e do Nordeste. Foi orador de fôlego, fluente, erudito e festejado com razão. Faleceu no Rio relativamente môço em 1938.

Mons. Francisco Silvano de Sousa. Nasceu a 8 de abril de 1879 em Barbalha, de que é, com o Dr. Leão Sampaio, um dos filhos mais ilustres pelo talento, virtude e fôlha de serviços à coletividade. Varão de caráter sem jaça, apaixonado pelo saber, depois dos labôres paroquiais no sertão, exerceu o magistério em Fortaleza e aí se iniciou no jornalismo militante. Passou quarenta anos de atividade no Rio Grande do Sul, Pelotas, ao lado de D. Joaquim Ferreira de Melo, cuja vida escreveu e editou. Lá ocupou cargos eminentes e três vêzes a Igreja o quis retirar para o episcopado, que sempre recusou. Vive atualmente em Fortaleza, aos 86 anos, em franca invalidez. Deu a lume, há pouco, o livro "O Grande Desconhecido", afora outras diversas publicações que tem semeado ao longo da vida. Único sacerdote a quem o ateu Joaquim Pimenta tece enternecido elogio. **Crescat in mille!**

Mons. José Francisco Rebouças Correia. Nasceu a 24 de março de 1880 em Areias, Limoeiro do Norte. Estudou, com êxito, na Bahia e em Roma. Ordenou-se em 1903. Trabalhou em várias freguesias baianas ao tempo de D. Jerônimo Tomé da Silva. Em 1909 pertencia ao corpo docente do Seminário de Salvador, onde ensinou latim e italiano. É um latinista consumado, dizem. E humanista. Vive ainda em Fortaleza, velho e alquebrado, mas completamente lúcido, aos 85 anos de idade, em companhia de uns parentes que muito o estimam.

Cônego Raimundo Ulisses de Albuquerque Penafort, etnólogo, autor de trabalhos notáveis no campo de sua especialidade. Sócio

correspondente de várias academias e instituições científicas estrangeiras. Nasceu em Jardim, 1885. Recebeu Ordens Sacras no Pará, das mãos de D. Macedo Costa em 1880.

Deixou várias obras científicas muito apreciadas. Faleceu em Belém, cenário de sua constante atividade cultural.

Cônego Ananias Correia do Amaral. De Fortaleza, 1848. Cursou o Seminário de São Suplício, em Paris, e o Colégio Pio Latino, em Roma, onde se ordenou em 1873. Serviu depois na Bahia, ao lado de D. Jerônimo. Recusou o Episcopado em mais de uma oportunidade. Homem de incontestável valor.

Pe. João Scalígero Maravalho. De Sobral, onde nasceu a 23 de junho de 1845. Professor do Seminário de Fortaleza e do de Pôrto Alegre. Jornalista militante de reconhecidos méritos.

Pe. Glicério da Costa Lôbo. De Aracati, 1839, homem culto, professor do Seminário Central, que ajudou a fundar e organizou quanto aos estudos. Estudou em Olinda, mas se ordenou na Bahia em 1863. Ao primeiro sínodo diocesano do Ceará emprestou as luzes da sua privilegiada inteligência.

Figurava o Pe. Glicério entre os mais preparados e virtuosos sacerdotes do seu tempo, no Ceará, sendo o primeiro de uma lista tríplice para a mitra arquidiocesana da Bahia, quando teve o infortúnio de dar parecer favorável aos supostos milagres de Juàzeiro, como chefe que era da Comissão Episcopal incumbida de examinar **in loco** os fatos ali ocorrentes. Talvez isso lhe barrasse a carreira eclesiástica para sempre.

Com efeito, decepcionado de si e dos homens, recolheu-se ao povoado praieiro de Melancias, sua região natal, e lá, numa casa coberta de palha, humílima portanto, junto a uma capelinha, passou o restante da vida entregue à leitura e à meditação, fazendo o bem àquela gente simples.

Leonardo Mota, não sem motivo, o reputava o mais virtuoso membro do clero do Ceará em todos os tempos.

Pe. Constantino Gomes de Matos. Ordenado presbítero em 1868. Viveu em São Paulo, onde paroquiou diversas freguesias. Foi cura da Catedral de Fortaleza algum tempo. Orador e escritor de reconhecido renome. Em 1889 recusou, como era permitido então, a mitra do Rio Grande do Sul. Nascera no Icó em 1844. Falecido no Rio em 1911.

Pe. Dr. José Antônio Maria Ibiapina. Filho legítimo de Francisco Miguel Pereira Ibiapina e Teresa Maria de Jesus, nasceu a 6 de agôsto de 1806, no Município de Sobral. Antes de abraçar o sacerdócio tinha sido juiz de Direito, Chefe de Polícia e Deputado. Renunciando tais posições, retirou-se à vida privada e fixou-se em Recife, onde advogou com grande aceitação. Antes de deixar a política estêve noivo de uma filha de Tristão de Alencar Araripe, ir-

mão do Senador Alencar, tio paterno do romancista de "Iracema". Durante uma ausência sua, a môça enamorou-se de outro com quem fugiu e casou.

Desilusões decorrentes da política e da advocacia amargura-ram-lhe o coração e Ibiapina, renunciando a tudo, foi viver em Recife, fora do bulício do mundo, entregue, de corpo e alma, à meditação e ao estudo.

Lá sua alma religiosa se aproximou dos sacramentos, cultivou amizades seletas e foi êsse seu **modus vivendi** que despertou no Alto Clero a iniciativa de aconselhá-lo a consagrar-se a Deus no sacerdócio. Anuiu de bom grado, mas com a condição de não prestar exames e ser dispensado da freqüência do Seminário.

Assim é que, dez anos depois de se ter afastado do mundo e das competições forenses, aos 47 anos de idade, recebeu as ordens sacras das mãos de D. João da Purificação Marques Perdigão, bispo de Olinda, entregando-se, em seguida, a longo retiro espiritual.

Em vista do seu preparo intelectual e alto conceito em que era tido, foi pouco mais tarde arvorado em vigário-geral e provedor do Bispado e também professor de Eloqüência Sagrada no Seminário de Olinda.

Levado pelo seu zêlo apostólico, na ânsia de fazer bem às abandonadas populações sertanejas, de cujo seio havia saído, obteve a faculdade de missionar tôda a Província eclesiástica de Pernambuco, que abrangia, além daquele Estado, o Ceará, a Paraíba e o Rio Grande do Norte. Na realidade até ao Piauí se estendeu o raio de sua ação evangelizadora, não se podendo, hoje em dia, compreender bem como foi que, sòzinho, com minguada saúde e palmilhando estradas intransitáveis a pé, quando não em lombo de animal, pôde Ibiapina levar a efeito obra tão maravilhosa, que ainda não foi superada por nenhum outro evangelizador do Nordeste.

É verdade que dos 78 anos que viveu, consagrou 30 ao apostolado das populações do interior, outrora como hoje vivendo num estágio de civilização ultra-rudimentar. Era um homem carismático.

Apenas ordenado sacerdote, em homenagem a Nossa Senhora, de quem era ardoroso devoto, trocou de nome e passou a chamar-se, em vez de Dr. José Antônio Pereira Ibiapina, Padre José Antônio de Maria Ibiapina. Esta mudança de nome é um símbolo.

Em suas andanças pelos sertões do Nordeste fundou 28 casas de educação para meninas pobres, sob o título de Casas de Caridade; ergueu grande número de igrejas, que hoje são matrizes; reformou outras em ruínas e neste ponto talvez só o tenha vencido êsse outro grande missionário, Pe. João Álvares da Encarnação, que, em 30 anos de vida apostólica, construiu 30 igrejas de pedra e cal, hoje igrejas paroquiais, diz um seu biógrafo.

Construiu, além disso, açudes de grande serventia para o povo, cemitérios, hospitais e **creches**, sempre num espaço de tempo tão curto, que ainda custa crer, sobretudo tendo-se em vista a pobreza do interior de então.

Em dois meses incompletos, refere Azarias Sobreira, levantou a bela igreja matriz de Picos, no Piauí. Um verdadeiro milagre!

"Sua palavra eletrizava os corações" e não havia dificuldades que o impedissem de tornar realidade os melhoramentos que tinha a peito. Diz Celso Mariz, biógrafo do missionário, que sua presença fazia aparecer recursos imprevistos, que se diriam brotados das próprias pedras como por encanto.

Administrava os sacramentos, pacificava os ânimos, reconciliava inimigos, extinguia rixas e malquerenças, regulamentava uniões ilícitas. Em Vila Bela e Floresta, a conselho de Ibiapina, muitos cangaceiros trouxeram seus bacamartes, que o missionário enterrou solenemente em frente da matriz num fôsso preparado para êsse fim...

Castigo que êle cominasse sucedia na certa, como aconteceu uma vez em que se incendiaram dois engenhos, cujos senhores não permitiam aos seus agregados que fôssem assistir às missões. Em Caldas, no município de Barbalha, onde só existiam meia dúzia de casas e nenhuma capela, o missionário ergueu uma capelinha de palha e nela, à falta de coisa melhor, entronizou um retábulo do Sagrado Coração de Jesus, sem outro invólucro além da molduraZinha de madeira. Lá também se deu um caso extraordinário: terminadas as missões, se incendiou totalmente a capelinha de palha, mas a imagem escapou ilesa no meio das cinzas!

Vê-se assim que sua passagem era uma bênção inefável para os sertanejos e é certamente por isso que sua memória se conserva ainda viva no seio do povo para quem êle continua sendo o "Padre Mestre" por excelência.

Seu óbito se deu a 18 de fevereiro de 1883 na vila de Santa Fé, perto de Campina Grande e lá se veneram seus restos mortais como de verdadeiro santo. Antes de expirar disse: "Quero abençoar vocês!" Foi pranteado num raio de mais de cem léguas, devendo-se notar que muitos homens e mulheres vestiram luto fechado, como se lhes tivesse morrido o marido, a espôsa, ou o pai estremecido.

Seus sermões, suas atitudes e desvelos de apóstolo autêntico infundiam ilimitada confiança e imprimiam nas almas o desejo sincero de melhorar moralmente. É, por tudo isto, uma genuína glória do Nordeste, nota o Padre Azarias Sobreira, de quem colhemos parte dêstes dados.

Pe. Cícero Romão Batista. Nascido a 24 de março de 1844, no Crato. Em 1863, tendo perdido o pai, foi para Cajàzeiras, onde estudou com o benemérito educador, Pe. Inácio de Sousa Rolim e

foi condiscípulo do Cardeal D. Joaquim Arcoverde. Em 1865 cursava o Seminário de Fortaleza. Ordenou-se a 30 de novembro de 1870. Em 11 de abril de 1872 chegou a Juàzeiro como capelão. Aquilo, a êsse tempo, era um pequeno aglomerado de 40 a 50 casas, muitas delas cobertas de palha. Desconfôrto, ignorância e pobreza extrema era o que se via ali nesses primórdios.

Convém lembrar que o Pe. Cícero, bem como o Pe. João Francisco da Costa Nogueira e outros sacerdotes de destaque no Nordeste e até Antônio Conselheiro, sofreu influência profunda do citado missionário sobralense, Padre Ibiapina.

Era um verdadeiro líder, a cuja influência bem pouca gente pôde ficar indiferente: ou o amava ou o odiava. Signo de contradição êle o foi tôda a vida.

Diga-se o que se disser, o Pe. Cícero fêz Juàzeiro que é, sem favor, uma das mais progressistas e acolhedoras cidades do Nordeste, de povo eminentemente laborioso, alegre e ordeiro, gente que toma a sério a sua religião e onde padres e religiosas que ali trabalham gostariam de ficar pelo resto da vida.

Seu testamento, feito aliás dezesseis anos antes de sua morte, é uma enternecedora profissão de fé católica, digna de um S. Francisco de Assis. Morreu perdoando, abençoando, aconselhando o trabalho, a honestidade e a caridade para com o próximo.

O que deixou escrito é ainda um como outro Evangelho para mais de um milhão de brasileiros de diversos Estados, que nêle descobrem, ainda hoje, um programa de vida.

Decorridos 31 anos de seu passamento (20-7-1934) tem-se a impressão de continuar êle vivendo entre o povo de Juàzeiro, que se ufana de o ter possuído e não perde de vista os exemplos edificantes que lhes deu e as normas de vida que lhes legou.

Não se perde, antes se ganha lendo alguns tópicos de seu referido testamento: "Afirmo que nunca fiz mal a ninguém, nem a ninguém votei ódio ou rancor, e que sempre perdoei, por amor de Deus e da SS. Virgem, a todos os que me fizeram mal consciente ou inconscientemente." E continua dirigindo-se a seus amigos e devotos: "Peço, como sempre aconselhei, que sejam bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes às leis da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, no seio da qual tão-sòmente pode haver felicidade e salvação."

Curtiu anos de total cegueira com a mais bela resignação. Ao expirar, em plena lucidez, e depois de ter piedosamente recebido os últimos sacramentos, tinha dito: "Vou para o céu. Vou rezar a Nossa Senhora por vocês todos."

Foi o maior líder natural que já deu o nosso povo.

Pe. Antônio Sabóia de Sá Leitão. Nasceu a 21 de outubro de 1842 em Aracati. Primeiro se formou no século. Casou-se, foi juiz

de direito e advogado. Tinha bons estudos de humanidades clássicas. Em 1896 enviuvou, deixando nove filhos homens: o mais velho não passava de 12 anos.

Sob a direção de Mons. Marcolino Pacheco do Amaral se preparou para o sacerdócio, que recebeu em Olinda em 1903 das mãos de D. Raimundo da Silva Brito. Faleceu a 17 de junho de 1917 tendo vivido 15 anos como sacerdote exemplar em Recife, onde era acatadíssimo pelos seus dotes invulgares.

Pe. José Guimarães de Sá Leitão. Filho do precedente, nasceu no Icó a 16 de outubro de 1884. Ordenou-se em 1909 em Olinda, onde foi diretor espiritual do Seminário. Pároco de São José em Recife.

Andou pela Europa e, ao voltar, ingressou na Ordem franciscana. Trabalhou em Fortaleza, na igreja e residência de Otávio Bonfim. Morreu, ainda môço, em Tianguá, quando já nomeado bispo de Bonfim, da Bahia.

Pe. Dr. João Augusto da Frota. Nasceu a 24 de janeiro de 1849 e faleceu com 93 anos de idade, sempre lúcido e voltado para o estudo e a meditação. Estudou em Roma, onde deixou fama de talento e cultura. Dizem ter sido convidado a substituir o Pe. Secchi, jesuíta, no observatório astronômico da Urbe, cargo que êle recusou imediatamente.

De saúde precária, depois de ter exercido as funções de Diretor da Instrução Pública do Ceará e cooperado vivamente para a alforria de numerosos escravos cearenses, recolheu-se a Guaramiranga, serra de Baturité, e lá viveu modestamente, em meio a seus livros, edificando a quantos dêle se aproximavam. Irredutível em sua modéstia, morreu sem deixar obra alguma de sua lavra. Escusando-se, alegava: "Tudo o que sei, aprendi nos livros dos outros. Para que repetir?" Foi um erudito, segundo a opinião comum.

Pe. Valdivino Nogueira. Nascido em Limoeiro do Norte a 24 de abril de 1866 e falecido em Redenção a 8 de setembro de 1921. Em 1888 chegava às Ordens Sacras, depois de um curso brilhante. Lecionou, com raro brilho, várias disciplinas no Seminário de Fortaleza. Era orador de grandes recursos retóricos, embora um tanto empolado à Alves Mendes.

Sua oratória era fascinante. Foi o representante oficial do Instituto do Ceará nas festas comemorativas de Pernambuco do primeiro centenário da Revolução do Equador (1917). Ao vê-lo descer da tribuna, D. Sebastião Leme disse: "Êsses cearenses são mesmo danados.."

José Valdivino de Carvalho editou-lhe a obra póstuma sob o título de "Florilégio".

Pe. Antônio Tomás. De Acaraú, onde nasceu a 14 de setembro de 1868 e depois de feitos os estudos e ordenado sacerdote em Fortaleza, foi pároco de sua terra natal e de Santana do Acaraú, onde

era muito estimado. Em concurso público foi eleito, em 1926, merecidamente, Príncipe dos Poetas Cearenses, título que o não envaideceu. Era modestíssimo. Como poeta, sobressai pela espontaneidade. Faleceu em Fortaleza, a 17 de julho de 1941. Sacerdote exemplar foi muito querido de sua grei e do seu bispo. Verdadeiro poeta, cujos versos, inéditos durante sua vida, eram recitados de cor por tôda a gente no Ceará.

Pe. José Alcântara Luz (Josa Luz). De Pacoti, onde nasceu em 1904. Estudou no Caraça, Minas, e ensinou em quase todos os colégios do Ceará. Entrou na Companhia de Jesus, na Europa, vindo depois a desligar-se da mesma. Excelente professor de linguas neolatinas, que conhecia a fundo. Homem de coração bonissimo, inteligente, raiando pelo genial. Morreu muito môço, em 1938, depois de ter prestado bons serviços à Igreja em João Pessoa e em Bananeiras como capelão e auxiliar do vigário.

Pe. José Eugênio Leite Pereira. Natural do Cariri. Estando já no Curso Superior do Seminário, veio do Crato para a Escola Apostólica de Baturité, dirigida pelos jesuítas. Entrou na Companhia de Jesus em Oya, Espanha, a 28 de março de 1928. Estudou filosofia em Vals, França. Ordenou-se no Brasil, em São Leopoldo, Rio G. do Sul, 1942.

Professor consumado de língua latina. Era dado ao estudo das ciências naturais e ensinou Biologia e questões científicas em Nova Friburgo com grande aceitação de professôres e alunos.

Fêz pesquisas numerosas sôbre fatos arborescentes de que conseguiu duas espécies novas, segundo os especialistas europeus, com quem mantinha freqüentes contactos epistolares. Os botânicos suíços catalogaram, em revistas especializadas, as duas espécies novas com os nomes de Eugênio e da região — Baturité. Homem de valor excepcional. Faleceu em Campos do Jordão, São Paulo, em setembro de 1949.

Faltam ainda, neste rol, é certo, muitos sacerdotes tão dignos ou mais do que os mencionados, como Mons. Vicente Pinto Teixeira, Mons. Alfredo Furtado, Mons. Vicente Linhares, de Sobral, Mons. José Barbosa Magalhães, professor do Seminário de Fortaleza, antigo vigário de Aratuba; Mons. Vicente Sother, do Crato; Mons. Manuel Macedo, excelente orador, conhecido em todo o Brasil; Mons. Sabino de Lima, recentemente falecido, vigário de Acaraú por mais de 30 anos; Pe. Henrique Cavalcante; Pe. Joaquim Sother de Alencar, homem virtuoso, excelente guia espiritual; Mons. Alberto Pequeno, vítima de um desastre aviatório no Rio (1942); Cônego D. Aureliano Mota, orador de renome e outros e outros.

Apesar de estrangeiros, entram nesta lista dos grandes sacerdotes beneméritos do Ceará: Pe. Carlos Cipriano Coppex, S.J., suíço, nascido em 1879 que formou várias gerações de levitas cearen-

ses, homem de reconhecida virtude e valor, falecido em 1964 em Fortaleza; e

Pe. Guilherme Vaessen, lazarista holandês, pioneiro dos Círculos Operários no Brasil, missionário infatigável, pregador de retiros espirituais ao Clero e autor de livros ascéticos de grande utilidade. Falecido, com 91 anos, em 1965.

Eis o resumo, imperfeito embora, que nos foi dado fazer da história religiosa de nosso Estado. Pedimos vênia para as falhas existentes, pois o tempo que se nos assinalou para concebê-lo e redigi-lo, dentro do tumultuar de nossa vida profissional, foi deveras exíguo e premente.

Encontramos parte do trabalho feito pelo nosso inolvidável antecessor, Mons. José Quinderé, de feliz memória, e queremos expressar, aos que nos auxiliaram nestas pesquisas, a nossa imorredoura gratidão.

Aos bons amigos, pois, Pe. Azarias Sobreira, excelente biógrafo de vários vultos do clero cearense, e ao Pe. Manuel Edmílson da Cruz, egrégio professor do Seminário Provincial de Fortaleza, o nosso muito obrigado.

Confessamos, lhanamente, que, sem as achegas colhidas em Serafim Leite, autor da "História da Companhia de Jesus no Brasil" e no resumo do Dr. Carlos Studart Filho — "Dados para uma História Eclesiástica do Ceará" — êste nosso trabalho não teria sido viável. Valha a verdade.